

GT 4 - Arte, mídias e tecnologias digitais

Encruzilhadas: arte, ativismos e redes sociais

Doutoranda Larissa Macêdo (PUC-SP e FEBASP)

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão crítica e multidisciplinar sobre as práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais, em especial no Instagram, a partir do perfil da artista negra brasileira tatiana nascimento (@tatiananascimento). Para isso, propõe um diálogo entre o operador conceitual de encruzilhada, de Leda Maria Martins, o conceito de dispositivo de racialidade de Sueli Carneiro e a abordagem das extremidades, de Christine Mello. O intuito é verificar como as práticas artísticas ativistas se articulam nas redes sociais, com suas encruzilhadas e extremidades, e, com isso, ressignificam a arte contemporânea e as redes sociais no início da década de 2020.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Redes sociais. Encruzilhadas. Tatiana Nascimento.

ABSTRACT

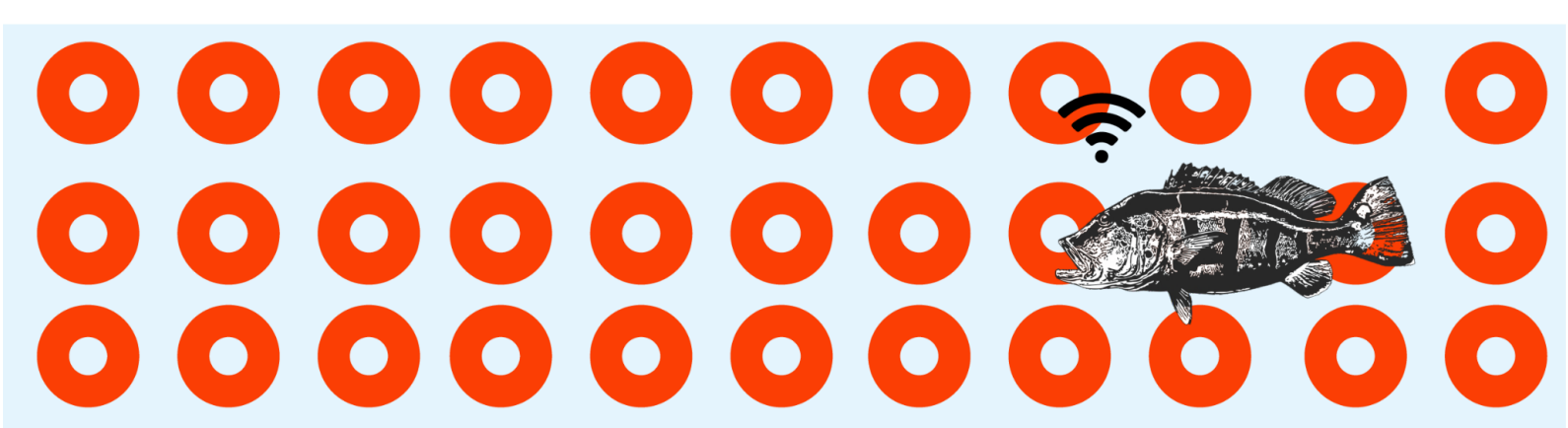
This article proposes a multidisciplinary and critical analysis related to the artistic practices shared on social networks, especially on Instagram, based on the profile of the black Brazilian artist tatiana nascimento (@tatiananascimento). For this, it proposes a dialogue between the conceptual operator of “encruzilhada” (crossroads), by Leda Maria Martins, Sueli Carneiro’s concept of raciality device and the approach of extremities, by Christine Mello. The aim is to verify how activist artistic practices are articulated in social networks, with their “encruzilhadas” and extremities, and re-signify contemporary art and social networks in the early 2020s.

Key-words: Contemporary art. Social networks. Encruzilhadas. Tatiana Nascimento.

LAROYÊ, EXU 🔥

Iniciamos esse artigo saudando Exu, pedindo licença para abrir essa encruzilhada epistemológica que é pensar a comunicação, a arte, as redes sociais e as práticas artísticas de mulheres negras e indígenas brasileiras nesses aplicativos, a partir de uma perspectiva contracolonial¹ como política, estética e poética de resistência. Afinal, como nos ensina Antônio

¹ Perspectiva contracolonial criada por Antônio Bispo do Santos (mestre Nêgo Bispo), escritor e mestre quilombola do Quilombo do Saco-Curtume (São João do Piauí, PI) no livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015) ao abordar a resistência de comunidades quilombolas, indígenas e de outros grupos brutalmente afetados pela violência colonial no Brasil desde a invasão europeia a partir de 1500.

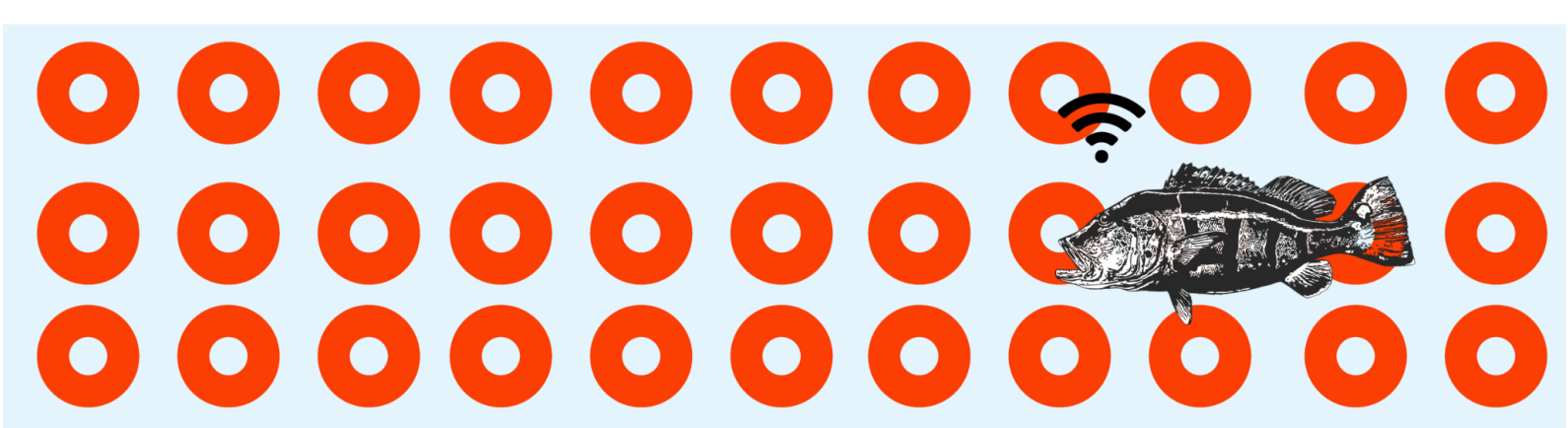


Bispo dos Santos: “Contracolonizar é um ato confluyente, assim não disputa a centralidade de nada, pois reconhece que a luta está em contrariar, transgredir, sucatear, rasurar, enfeitiçar e despachar as presenças e obras coloniais.” (SANTOS apud RUFINO, 2022, p.70).

Diante disso, mais do que nunca, é fundamental partir de um pensamento contracolonial para compreender a arte contemporânea nas redes sociais. Além da coerência e da postura ética em relação a essas artistas e seus respectivos grupos sociais, acreditamos que só o pensamento contra-hegemônico pode dar conta da pluriversalidade, das complexidades de ordem poético-político-social presentes nesses trabalhos e, com isso, evitar o racismo epistêmico. Como nos ensina Sueli Carneiro, se o racismo foi historicamente construído, também pode ser historicamente destruído. Uma das formas de fazer isso é pensar com quem podemos e devemos dialogar em todas as esferas da produção de conhecimento.

No livro “Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser” (2023), ao dissertar sobre a invisibilidade de autoras negras na academia, Sueli Carneiro utiliza o conceito de epistemicídio para analisar os motivos dessa exclusão. Carneiro afirma que o racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas grupos sociais seja válida por duas razões: porque não são brancas ou porque envolvem repertório e cânones que não advêm do Norte global.

Sueli Carneiro busca compreender as múltiplas práticas pelas quais o racismo e a discriminação racial se estruturam e se manifestam no Brasil. A partir das noções de dispositivo e biopoder, de Michel Foucault (1979; 2020), e da teoria do Contrato Racial, de Charles Mills (1997), a filósofa desenvolve o conceito de dispositivo de racialidade. Para a autora, a racialidade é “uma noção produtora de um campo ontológico, um campo epistemológico e um campo de poder conformando, portanto, saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação constitui um dispositivo de poder” (CARNEIRO, 2023, p.44).



Muniz Sodré, em *Pensar nagô* (2017), ao aproximar a filosofia ocidental do pensamento nagô², enfatiza que, ao contrário do pensamento epistêmico eurocentrado, os saberes do continente africano não são derivados de uma perspectiva doutrinária nem remetem a um caminho individual, mas sim à coletividade, ao vínculo intergeracional. O autor também afirma que a experiência do pensar nagô se estrutura na indivisibilidade do fazer e do pensamento.

Se, na tradição filosófica ocidental, o ser é individualizado, na concepção nagô, por outro lado, o ser só ganha existência à medida que faz parte da comunidade, ou seja, passa a existir, porque é integrado ao grupo e, reciprocamente, o grupo é integrado à existência daquele. O coletivo expressa a existência do ser por mediações simbólicas, ao passo que o ser se torna um microcosmo do coletivo. Sodré (2017), assim como Leda Maria Martins (2021), situa como a memória coletiva se enraíza no território das religiões de matriz africana como estratégia de sobrevivência e resistência.

Considerando o dispositivo de racialidade de Sulei Carneiro, pensar as práticas artísticas nas redes sociais a partir do operador conceitual das encruzilhadas nos aponta caminhos possíveis para ampliação de sentidos e fronteiras em campos tão eurocentrados. Extremidades que nos ajudam a desvelar a trama complexa que codifica essas práticas e as presenças de artistas negras e indígenas brasileiras nesses espaços.

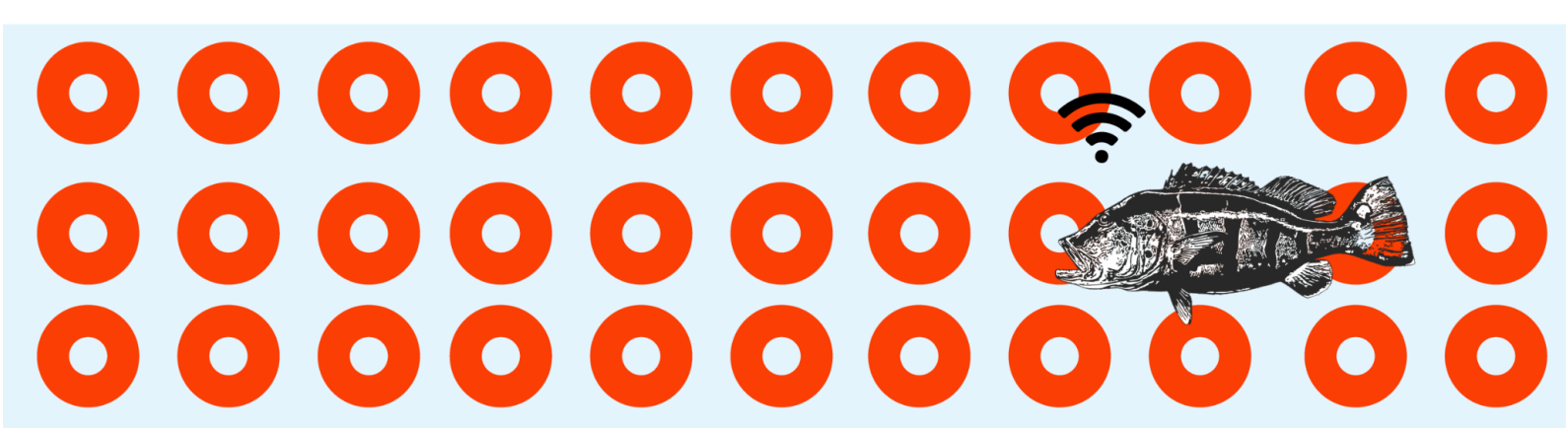
Diante desses atravessamentos, este artigo propõe uma reflexão crítica e multidisciplinar em diálogo com dois *posts*: “o amor é preto” e “a/c mães brancas”, compartilhados no perfil do Instagram @tatiananascivento³, pela poeta tatiana nascimento⁴, nos dias 17/04 e 28/03/2023.

O intuito é compreender como a arte contemporânea se desenvolve nas redes sociais a partir do operador conceitual da encruzilhada, de Leda Maria Martins e da abordagem das extremidades, de Christine Mello. Articulações críticas que estão sendo desenvolvidas na tese de doutorado de Larissa Macêdo (autora deste artigo), no programa de Comunicação e Semiótica da

² Nagô ou anagô foi um dos últimos grupos étnicos sequestrado pelo regime escravagista e trazido para o Brasil. É composto por pessoas da África Subsaariana (Sudoeste da Nigéria, Benim, Togo, dentre outros países) com etnias que pertenciam ao grupo linguístico iorubá.

³ Forma abreviada de representar um perfil no Instagram. O acesso pode ser feito pelo app ou pelo link: <<https://www.instagram.com/tatiananascivento/>>. Acesso em: <29/05/2023>.

⁴ A artista opta por escrever seu nome em letras minúsculas. Com isso, adotamos essa grafia neste artigo também.



PUC-SP (2020-2023), que propõe uma reflexão sobre as práticas artísticas e curatoriais negras e indígenas brasileiras nas redes sociais nos anos 2020.

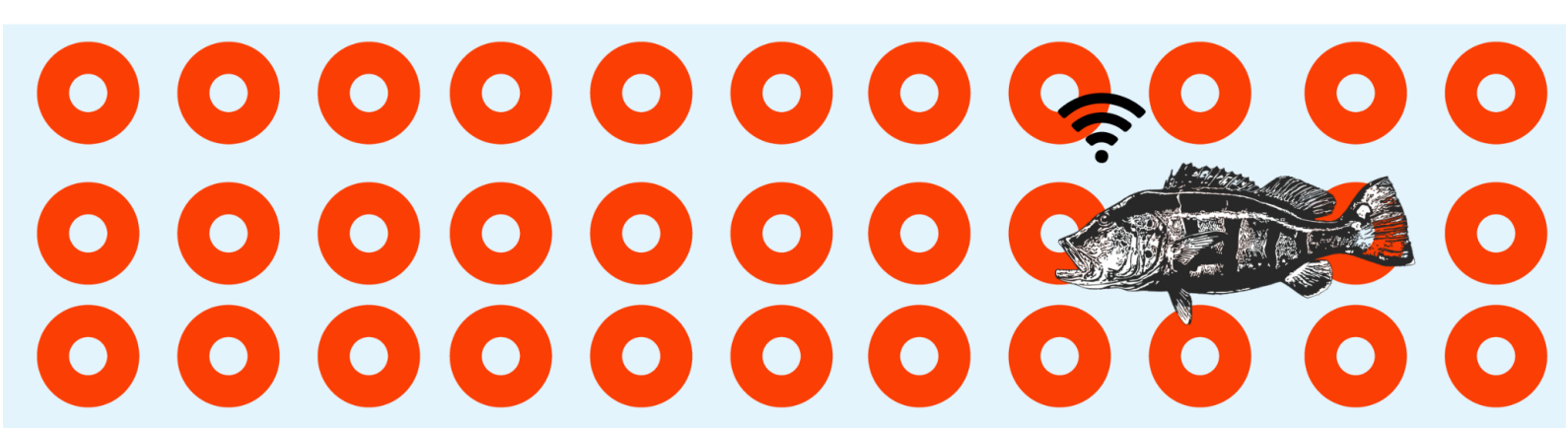
✗ ENCRUZILHADAS E EXTREMIDADES

A perspectiva analítica lançada pelo conceito de encruzilhadas nos possibilita friccionar os entrecruzamentos, as dobras, as frestas e as margens da produção artística contemporânea digital produzida e compartilhada em aplicativos de redes sociais.

Como forma de estruturar esses cruzos, dialogaremos com o operador conceitual das encruzilhadas de Leda Maria Martins que parte do pensamento filosófico, saberes e cosmovisões afrodiaspóricas para estruturar mediações e leituras contracoloniais. A partir das encruzilhadas e da cosmovisão de Exu, a autora articula uma perspectiva que se fundamenta em encontros, intersecções e desvios que geram uma pluriversalidade de sentidos e saberes, como o centramento e o descentramento, as confluências e as divergências, as influências e as dissuasões, as fusões e as rupturas, a unidade e a pluralidade. Esses conceitos são trazidos à luz da perspectiva de tempo espiralar, que apresenta a noção do corpo como um guardião de saberes muito presente na vida, na trajetória e no trabalho de Leda Maria Martins.

Para compreender o operador conceitual das encruzilhadas é preciso saber que nas cosmovisões de matriz africana no Brasil, a encruzilhada é vista como o espaço de ações ambivalentes onde se fazem as oferendas para Exu, o senhor das encruzilhadas, da comunicação, da criação e da transformação. O guardião dos caminhos e o responsável por suas aberturas e fechamentos. Nessa perspectiva, a encruzilhada é tanto o lugar de sentidos e significações quanto de questões sem sentido e explicações.

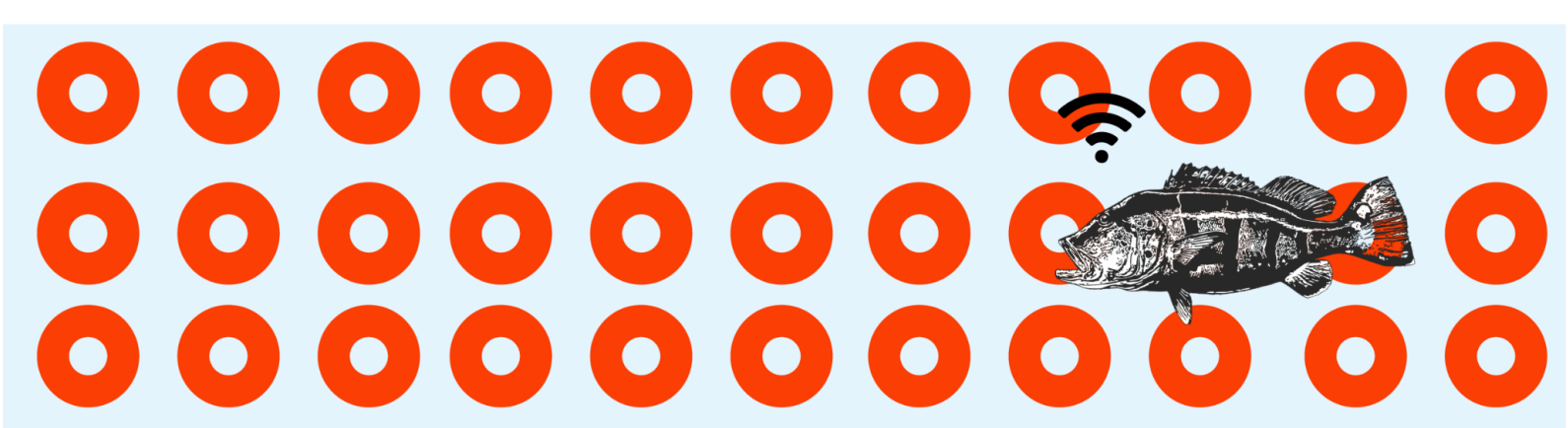
A abordagem das extremidades de Christine Mello (2017) nos possibilita estabelecer um jogo de leitura que busca observar os tensionamentos presentes nos trabalhos como forças de desconstrução das lógicas hegemônicas. Sendo assim, significa não apenas observar os gestos performativos daqueles que agenciam as redes sociais, mas também problematizar os mecanismos de controle inerentes às políticas desses ambientes e da sociedade.



Refletir por essas perspectivas nos faz tensionar a forma como o conhecimento tem sido constituído na contemporaneidade e como isso tem contribuído para a invisibilização e o apagamento de comunidades, culturas, artes e linguagens de grupos sociais minorizados, como bem coloca Sueli Carneiro em seu dispositivo de racialidade. Com isso, é importante compreendermos a relevância de problematizar, no contexto brasileiro das décadas de 2010 e 2020, as encruzilhadas e as extremidades na comunicação, na arte contemporânea e suas ressignificações nas redes sociais, em especial, no caso deste artigo, no aplicativo Instagram. Um exercício de reflexão crítica que se coloca como encruzilhada de questões complexas e fundamentais para o nosso tempo.

A escolha da rede social Instagram por muitos artistas para o desenvolvimento e compartilhamento de seus trabalhos artísticos nos chama atenção na atualidade, especialmente, após a pandemia de COVID-19, em que esses aplicativos tiveram um crescimento expressivo, diante da tragédia pandêmica global e por esse ser um espaço possível de encontros, diante da possibilidade de encontros presenciais. Uma escolha que, entre outros motivos, pode ser baseada também na predominância imagética dos conteúdos compartilhados nessa rede social e no amplo uso e alcance desse aplicativo no Brasil e no mundo. Segundo a pesquisa Digital 2022: Global Digital Overview (Data Reportal, 2022), o Instagram é a quarta rede social mais utilizada, com mais de 1,4 bilhão de pessoas cadastradas no mundo, e ocupa a segunda posição no ranking brasileiro.

O diálogo das encruzilhadas nas extremidades nos ajuda a pensar um caminho de expansão do conhecimento com um operador conceitual interseccional, que nos permite a leitura de questões complexas e pluriversais, provenientes de diversos ambientes e campos do conhecimento. Além de possibilitar aproximações críticas, também é uma forma de abranger as complexidades estéticas e poéticas existentes na produção artística negra e indígena brasileira produzida e compartilhada nas redes sociais. Afinal, a quem fala a arte contemporânea na atualidade? Que arte é essa que muitas vezes captura, hierarquiariza e impõe? Como ler esses trabalhos que desconstroem as lógicas dominantes, contagiam e são compartilhados nas redes sociais.



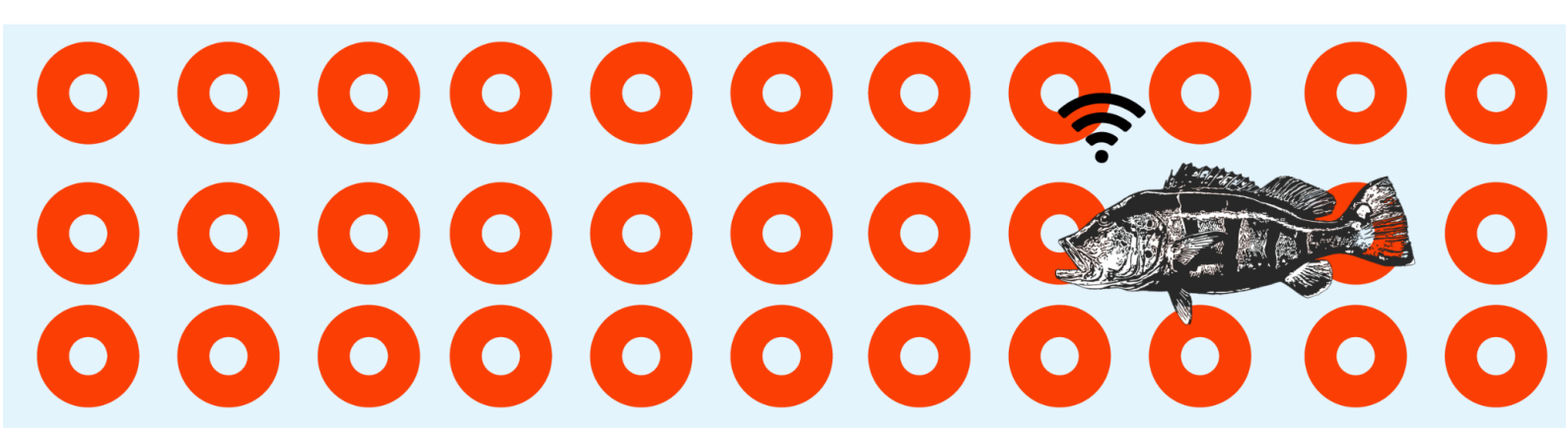
ENCRUZILHADA COMO ESPIRAL DE SENTIDOS

O operador conceitual da encruzilhada, que Leda Maria Martins utiliza para falar da formação cultural afro-brasileira, nos ajudará a evidenciar algumas encruzadas e trazer outras intersecções de saberes e possibilidades de leitura presentes nos posts “o amor preto é preto” e “a/c mães brancas” compartilhados por tatiana nascimento em seu perfil do Instagram. Cruzos que também envolvem questões relacionadas à ancestralidade afrodiaspórica e aos atravessamentos históricos, artísticos, políticos e sociais do corpo negro e da população negra brasileira. Questões muito presentes nas vivências e nos trabalhos artísticos de tatiana nascimento.

A encruzilhada é um jogo através da qual podemos compreender as culturas afro-diaspóricas ou qualquer outra realidade por essa perspectiva analítico-metodológica. É o território onde essas trocas se estabelecem nas relações ambivalentes de conflito e cruzamento. É descrita por Leda Maria Martins como um “lugar terceiro”, pois sua premissa é a da criação, a da produção de uma outra coisa que não mais aquela que se iniciou, mas que, ainda assim, pode ser identificada como sua descendente à medida em que a interpretamos através de sua própria linguagem. Uma espiral de sentidos e significados.

Podemos observar isso em uma das noções de Exu que nos diz que se engole de um jeito para regurgitar de outra forma. Essa é a máxima da encruzilhada de Exu enquanto Enugbarijó, senhor da boca coletiva ou a boca que tudo come: engolir de um jeito para restituir de forma transformada.

A encruzilhada, com sua infinita possibilidade de caminhos, é um lugar de trânsitos. Oferece numerosas vias de entrada e saída e os referenciais alternam-se conforme as questões e as possibilidades que se colocam de forma dinâmica. É um lugar de escolhas, de decisões e de criação.



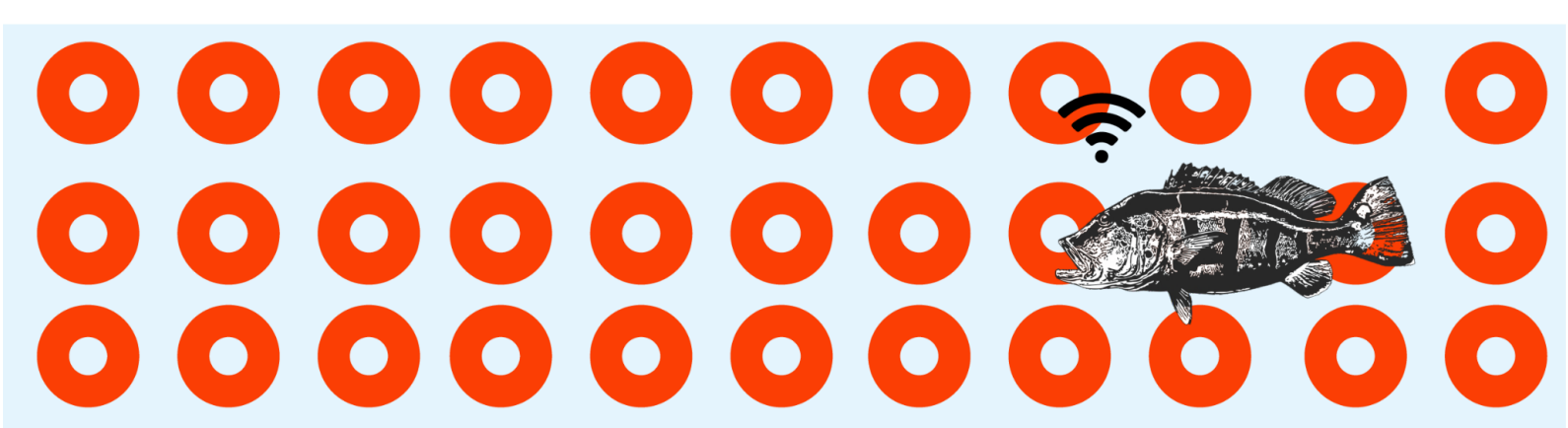
EXTREMIDADES COMO JOGO DE LEITURA

Como mencionamos anteriormente, para pensar a produção artística de tatiana nascimento nas redes sociais escolhemos o operador conceitual de encruzilhada, de Leda Maria Martins, que aponta para a produção artística afrodiaspórica brasileira como possibilidade de ruptura da colonialidade; e a abordagem das extremidades, de Christine Mello, que apresenta os vetores de leitura da desconstrução, da contaminação e do compartilhamento para a leitura de práticas artísticas. Com isso, a partir de um diálogo, articulação e exercício crítico entre as encruzilhadas e as extremidades, acreditamos que é possível entrar em contato com trabalhos artísticos de forma mais ampla e pluriversal.

Com a abordagem das extremidades, estabelecemos um jogo de leitura que busca observar, nos tensionamentos das redes sociais, as forças de desconstrução das lógicas dominantes. São essas instabilidades, conexões, subversões e potências que nos interessam.

A abordagem das extremidades opera por meio de deslocamentos no campo observacional. Articulada enquanto percurso de leitura, diz respeito à noção de extremidades do corpo da medicina chinesa e seus métodos terapêuticos, como a acupuntura, a reflexologia e o *Do-in*, que trabalham com a capacidade que as pontas extremas do corpo (como orelha, mão e pé) possuem de, ao ser ativados, realizar processos de natureza comunicacional, interligando múltiplos órgãos (como coração, fígado e intestino) e produzindo, com isso, ressignificações em todo o funcionamento do corpo. Consiste na proposição de vetores de leitura para entrar em contato com experiências artísticas e midiáticas diversas, emergentes, instáveis e descentralizadas, que apresentam conexões a partir do tensionamento e da relação entre linguagens, corpos, questões políticas, raciais, de gênero, de sexualidade, práticas artísticas e midiáticas, entre outras.

Procura oferecer um jogo de leitura que diz respeito a observar em que medida o trabalho em análise afeta e é afetado por questões fora de sua centralidade. Cria um lugar que atua como quebra de referências estáveis diante da experiência poética e estética, como um campo de



ressignificação, como um modo de confrontar e questionar o que não é hegemônico na arte, na comunicação, nas redes sociais e nos mais diversos campos de conhecimento.

Pela abordagem das extremidades, temos os vetores de leitura tanto da desconstrução das linguagens em seus estados totalizantes e normativos, quanto da contaminação, que atua sobre a proliferação de sentidos e presenças, assim como o do compartilhamento, que se manifesta por meio de agenciamentos coletivos e da produção de comunidades nas redes sociais que ressignificam a experiência estética na atualidade.

É importante salientar que a abordagem das extremidades não se fecha em si mesma. Segundo Christine Mello, a intenção é que ela se constitua como um processo vivo, contínuo e flexível. Por ser um jogo de leitura, ela possibilita que outros vetores poéticos sejam criados a partir dos tensionamentos que forem ativados a cada análise. Neste artigo, é possível observar um exercício desse fluxo a partir da articulação com as encruzilhadas e seu caráter de mutabilidade e possibilidades infinitas.

@tatiananascivento 🧡

tatiana nascimento (1981, Brasília) é “poeta, compositora, cantora; analógica & desinfluen-ser; brasiliense sem orgulho; mãe da irê 🧡”, como ela mesma se define em sua bio⁵ no Instagram (figura 1). Tem quase vinte livros publicados, e publicou mais de cinquenta títulos de autoras negras de gêneros e sexualidades dissidentes pela Padê Editorial, de livros cartoneros, do qual é uma das fundadoras. Sua pesquisa e produção artística aborda temáticas como: o afeto, a negritude, o cerrado, o mar, a maternidade e sua filha Irê.

⁵ Bio: campo com breve descrição de cada perfil do Instagram.

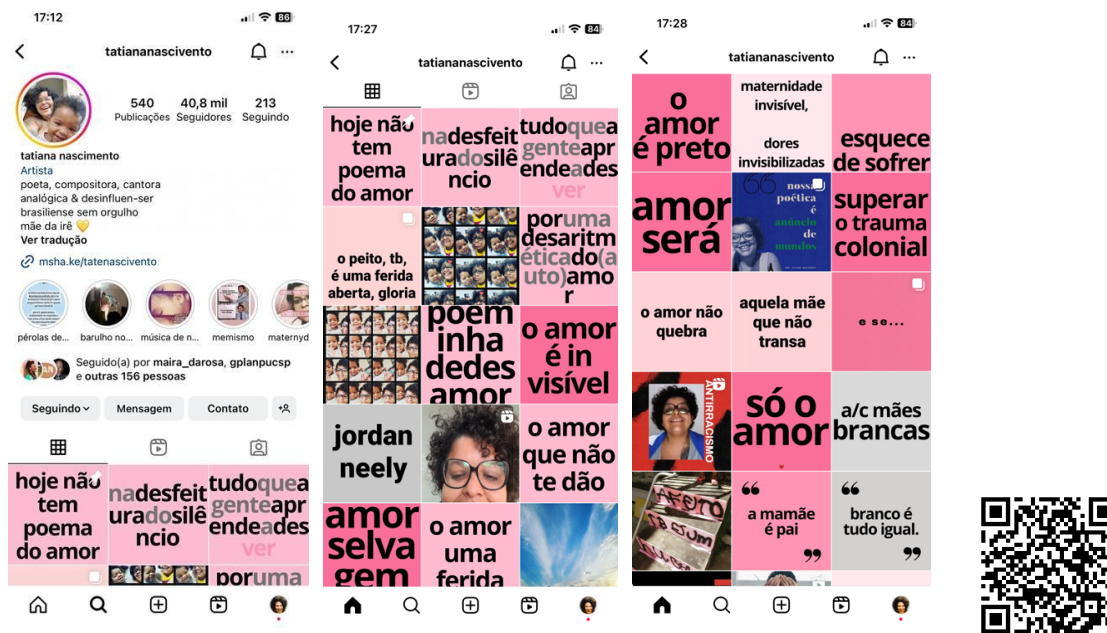
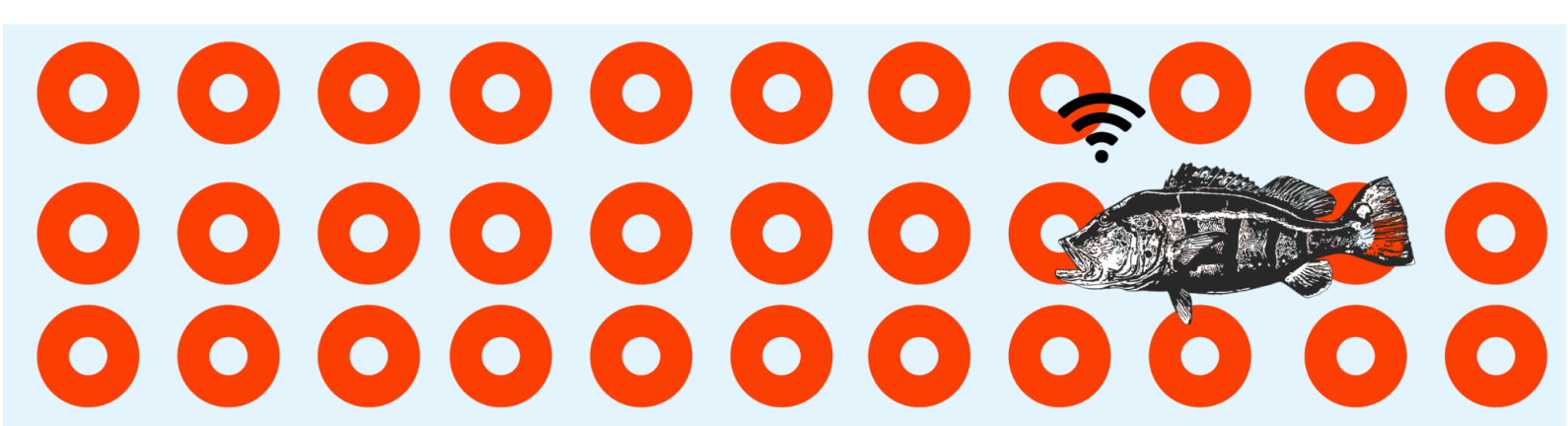
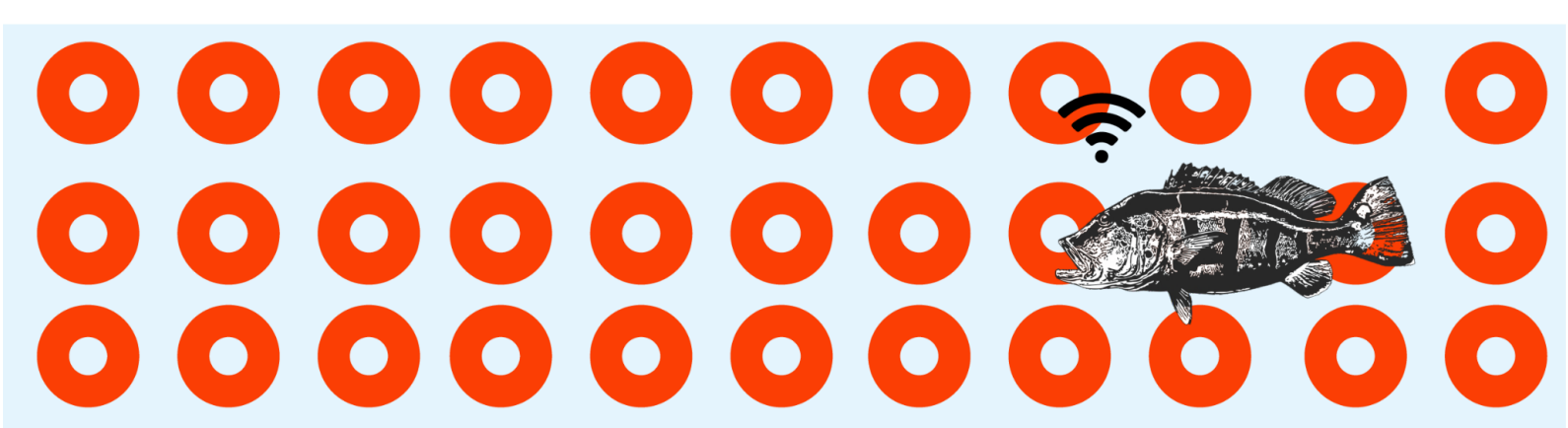


Figura 1, 2 e 3 – Alguns posts do perfil de tatiana nascimento (@tatiananascimento) no Instagram. Disponível em: < <https://www.instagram.com/tatiananascimento/>> Acesso em: <29/05/2023>.

Em seu perfil no Instagram a artista compartilha postagens com foco no discurso imagético textual, variando a cor de fundo de cada *post*: as temáticas relacionadas aos afetos, têm fundo compostos por tons de rosa, e as questões relacionadas ao racismo, têm fundo com tons acinzentados, por exemplo. A artista também atribui diferentes tamanhos de fontes para cada palavra em uma mesma imagem, sempre em linha com a temática escolhida. Há também destaque para algumas palavras ou frases curtas apoiadas por legendas com poesias, reflexões ou com um texto crítico, uma problematização, a partir dos temas abordados em cada *post*. Como ela mesma diz: “Seu trabalho mergulha em silêncios, memórias, ruídos, melodias para desarquitar palavras e montar uma reengenharia dos sentidos”.

Como falamos, neste artigo dialogaremos com os dois *posts* compartilhados no *feed* do Instagram da artista: “o amor é preto” (figuras 4 e 5) e “a/c mães brancas” (figuras 6 a 8), compartilhados dias 17/04 e 28/03/2023, respectivamente. Em ambos os *posts* temos duas características marcantes das práticas artísticas de tatiana nascimento no Instagram. A primeira é a forma que ela utiliza os recursos poéticos e estéticos do aplicativo, como, por exemplo: a



articulação entre a temática presente na imagem do *post* e o texto na legenda. Embora em linguagens diferentes ambos se complementam. Muitas vezes é como se a imagem fosse uma provocação, um disparador do que será detalhado no campo da legenda e também um vetor de compartilhamento de todos que se identificarem com a provocação proposta. A segunda característica é a forma como ela cria trabalhos que agenciam a sua comunidade nessa rede social para compartilhar seus afetos, trabalhos e reflexões. Questões que encontram ressonância em todos que interagem com ela, curtem e compartilham dentro dessa rede social. Ações fundamentais para se ter algum tipo de relevância nesses espaços.

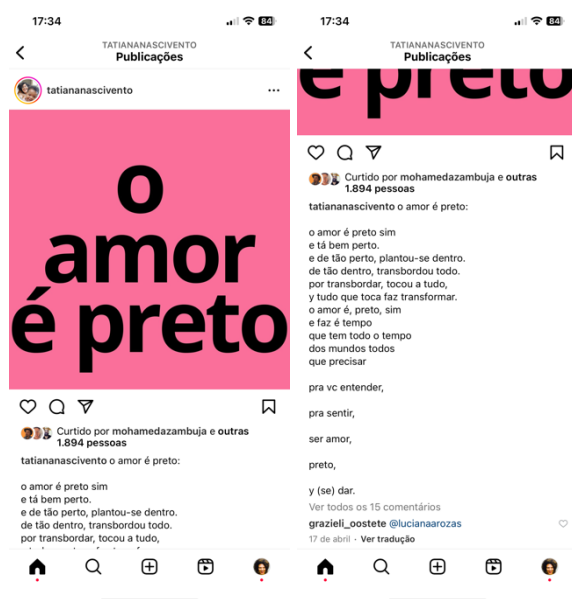


Figura 4 e 5 – Post “o amor é preto” compartilhado no perfil de tatiana nascimento (@tatiananascimento) no Instagram em 17/04/2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CrKCYPwJp5c/>> Acesso em: <29/05/2023>

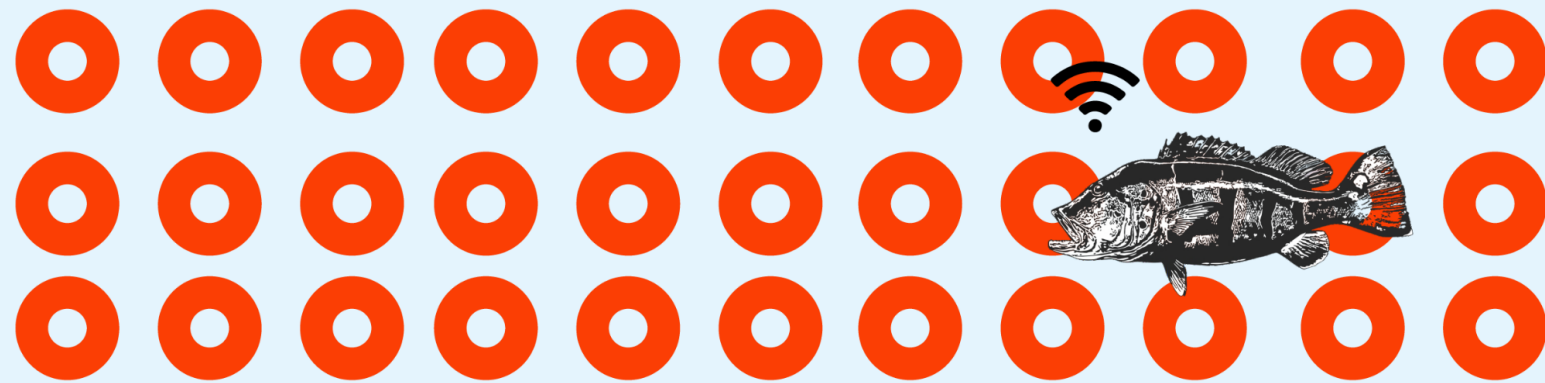
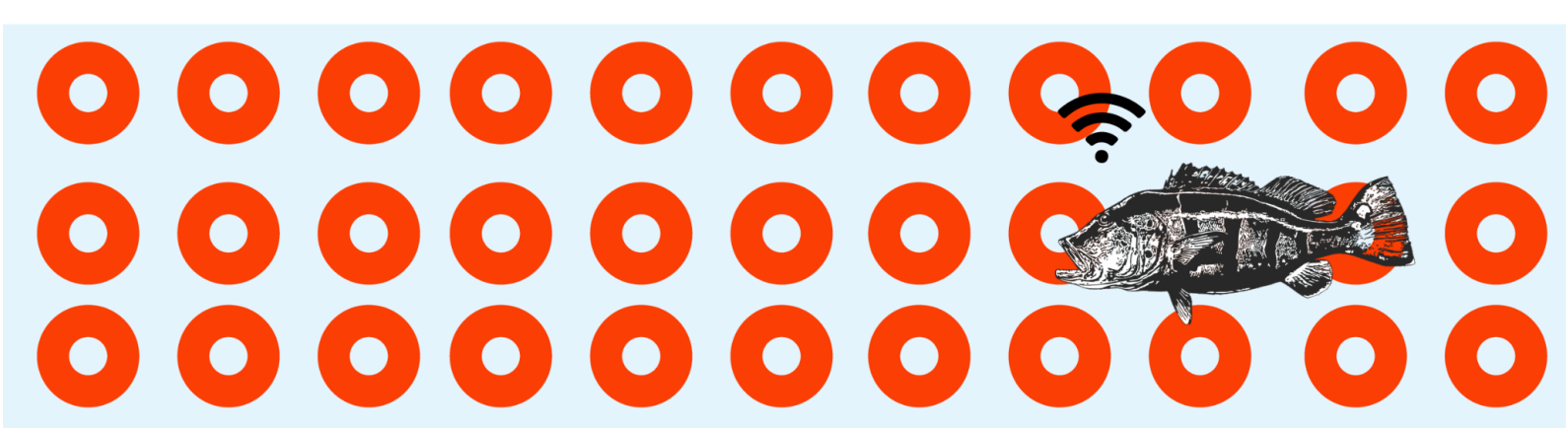


Figura 6, 7 e 8 – Post “a/c mães brancas” compartilhado no perfil de tatiana nascimento (@tatiananascimento) no Instagram em 28/03/2023. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CqUSmHoMxxp/> > Acesso em: <29/05/2023>

Em sua prática artística no Instagram, a artista encuzilha temáticas relacionadas à negritude, como o amor (figuras 4, e 5), e a branquitude (figuras 6 a 8) com a poesia e a lógica de funcionamento do Instagram para criar e compartilhar postagens que tratem de temas que lhe são caros. Atuando de forma poética e ativista, aproveita o caráter comunicacional desses aplicativos para agenciar uma comunidade em torno de seus trabalhos e temáticas abordadas. Criando uma prática artística que, fundamentada nas redes sociais, cria outras poéticas e formas de compartilhar arte e poesia na atualidade.

Com isso, tatiana nascimento, a partir das extremidades da produção artística contemporânea, desconstrói as logicas hegemônicas da comunicação e da arte, trazendo elementos culturais e poéticos de matriz afrodiaspóricas que estruturam e apontam para outra forma de produzir e compartilhar trabalhos artísticos na arte e nas redes sociais.

Com esse jogo de leitura a partir das encruzadas e das extremidades, é possível criar mais encruzilhadas, fissuras, conexões e relações entre questões políticas, identitárias, linguagens

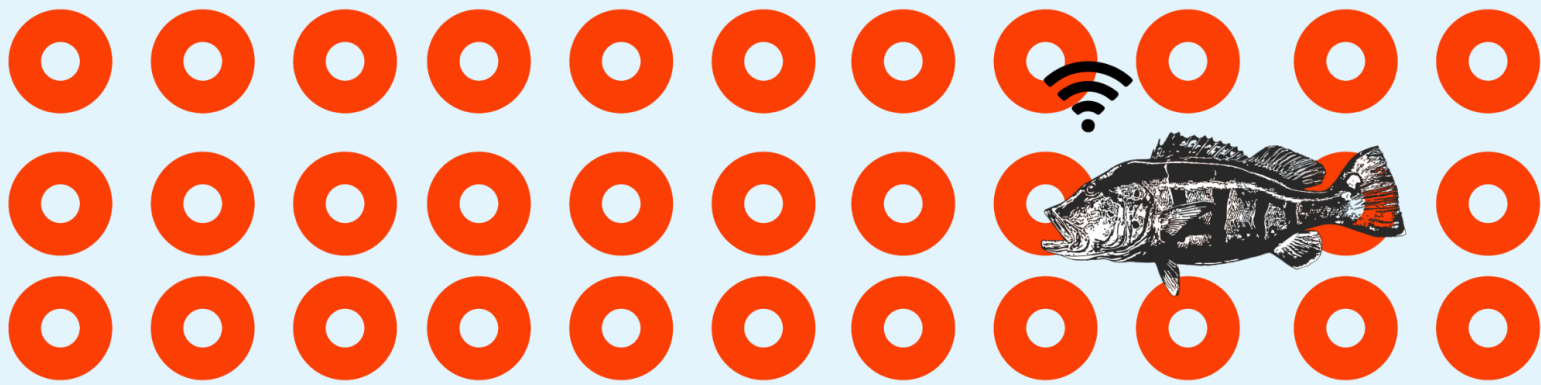


acompanhadas da desconstrução, da contaminação e do compartilhamento como forças vitais, fora de controle, dentro de uma aplicativo, uma rede social em que a inteligência artificial e seus algoritmos monetizam a nossa atenção, utilizam os nossos dados e produzem estratégias para identificar nossas afinidades e determinar o que podemos ver, curtir e compartilhar nesses *apps*.

É como se cada *post* compartilhado em @tatiananascimento atuasse como um vetor das encruzilhadas propostas pela artista e que faz parte da experiência audiovisual em rede da qual tatiana nascimento nos convoca a participar. Quando falamos de uma experiência estética nas redes sociais, não podemos esquecer que cada um pode articular a sua narrativa em diferentes formatos e temporalidades, já que é possível entrar em contato com os conteúdos compartilhados em momentos diferentes. Uma rede de trocas, já que quem entra em contato com os *posts* também é convocado a participar, curtir, interagir, comentar e compartilhar. Espaços de compartilhamento que implicam conexões e comunidades. É essa potência do compartilhamento que permite que as experiências se potencializem nas redes sociais.

Em seu perfil do Instagram, tatiana nascimento cria uma outra lógica comunicacional de produção artística: desconstruída, descentralizada e contaminada com linguagens ressignificadas, pertinentes aos formatos e formas de funcionar das redes sociais. Nas postagens “o amor é preto” e “a/c mães brancas” a artista nos atravessa, evidenciando os afetos entre pessoas pretas e o debate de questões fundamentais em relação à branquitude e ao racismo. Constitui, desse modo, uma encruzilhada artística fora dos padrões hegemônicos da comunicação e da arte contemporânea.

Há muito mais encruzilhadas e extremidades presentes nos *posts* compartilhados por tatiana nascimento no Instagram. Neste artigo damos início as essas reflexões que atuam como disparadores críticos. Flechas lançadas que alinhadas ao tempo espiralar das encruzilhadas, denunciam que esse é apenas o início, meio, início. Laroyê 🔥!



REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DATA REPORTAL. Digital 2022: Brazil. *Website do Data Reportal*. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: <19/05/2023>
- MACÊDO, Larissa. Poéticas do efêmero: novas temporalidades em rede a partir do Instagram Stories. 2019. 145 f. *Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22414>>. Acesso em: <19/05/2023>
- MACÊDO, Larissa; MELLO, Christine. Encruzilhadas e extremidades da língua: @biarritzzz, arte contemporânea e redes sociais. *FronteiraZ – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 27, p. 34–49, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/1983-4373.2021i27p34-49>>. Acesso em: <19/05/2023>
- MACÊDO, Larissa; MELLO, Christine. @amultidao e outros fins que não a morte: Intervenções artísticas, extremidades e pandemia. In: *Tarcisio Torres Silva; Juliana Doretto; João Paulo Hergesel.. (Org.). Redes digitais e culturas ativistas 1: arte, cidades e ativismo*. 1ed.Alumínio: CLEA Editorial, 2022, v. 1, p. 245-265. Disponível em: <<https://www.jogodepalavras.com/clea-redes1>>. Acesso em: <19/05/2022>
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo/Belo Horizonte: Perspectiva/Mazza Edições, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo; RODRIGUES, Maria Sueli; RUFFINO, Luiz; MUMBUCA, Ana. *Quatro cantos*. São Paulo: N-1, 2022.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis : Vozes, 2017.

Como citar este texto:

MACÊDO, Larissa. Encruzilhadas: arte, ativismos e redes sociais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. ISSN: 2674-7847. p.1-13.